

Economistas concordam que moratória não ajudou país

BRASÍLIA — O governo não tirou qualquer benefício da moratória da dívida externa, interrompida em novembro, e saiu em desvantagem do acordo provisório para a dívida externa acertado este mês. A conclusão partiu dos convidados à sessão de trabalho do grupo brasileiro do Parlamento Latino-Americano, ontem, situados em extremos opostos do leque ideológico: senador Roberto Campos (PDS-MT), o economista Paul Singer e o empresário Lawrence Pih, ambos ligados ao PT, e o economista Luís Gonzaga Belluzzo, um dos responsáveis pela decretação da moratória, em 20 de fevereiro.

A argumentação e as conclusões é que variaram, para uma platéia de pouco mais de 10 deputados e senadores. Colocados em sessões diferentes, um de manhã e outro à tarde, Roberto Campos e Luís Gonzaga Belluzzo perderam a oportunidade de debater sua profunda divergência sobre as causas da crise econômica brasileira. O primeiro culpa a equipe do ex-ministro da Fazenda, Dílson Fonaro (da qual Belluzzo fez parte), de ter perdido a grande oportunidade de negociar favoravelmente a dívida. O segundo acusa o governo militar (do qual Campos foi, na época de Castelo Branco, um dos principais colaboradores) de ter preparado terreno, com a incorporação da dívida pelo Estado, para a crise enfrentada pelo governo atual.

FMI — Para Campos, que foi criticado e até hostilizado pelos parlamentares, o governo tem de garantir condições para pagar integralmente a dívida, alongando seu prazo de vencimento através de uma renegociação para pagamento dos juros, ou capitalizando (incorporando ao estoque da dívida) esses juros vencidos. O governo terá ainda de firmar um acordo com o FMI, com base em um programa de metas aceitas pela institui-

ção. Paul Singer, que debateu com Roberto Campos, defende posição radicalmente diferente: considera desnecessário o programa do FMI ("Se não estamos recebendo dinheiro novo e, sim, exportando capital, para que nos reincorporarmos a 'comunidade financeira?'", pergunta).

Singer acredita que nem os credores consideram viável o pagamento integral da dívida. O economista defende uma recomposição da economia mundial, para reduzir o déficit comercial norte-americano, que, segundo analisa, vem sendo financiado com o pagamento da dívida dos países do Terceiro Mundo. E afirma que é imperativo, por motivos econômicos, o cancelamento de parte dessa dívida", o que já vem acontecendo no mercado secundário de títulos, onde a dívida é vendida com deságio.



Paul Singer